

Riqueza cultural e tragédia social dos africanos

Ébano — Minha vida na África, de Ryszard Kapuscinski. Tradução de Tomasz Barcinski. Editora Companhia das Letras, 360 páginas. R\$ 37. *Milton Guran*

Quero morar numa cidade africana, numa rua africana e num prédio africano. De outra forma, como poderia conhecer a cidade? Ou, melhor ainda, este continente?" Esta disposição do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski, exposta ao comentar por que tinha escolhido morar em um subúrbio popular de Lagos em detrimento do bairro rico e protegido dos europeus, é certamente um dos segredos do sucesso da coletânea de 29 crônicas — se assim podemos dizer — sobre os mais diversos países africanos, editada no Brasil com o título de "Ébano — Minha vida na África". Outro é que "Ébano" é um livro mais sobre gente, do que sobre lugares, como é dito logo na introdução do volume, e é, então, através da dimensão humana, da vida cotidiana das pessoas, que a história africana da segunda metade do século XX — um período crucial de transformações impostas pelos processos de independência e pela modernização das relações colonialistas no continente — nos é apresentada.

Kapuscinski — hoje com 70 anos redondos — é o mais importante escritor polonês vivo, autor de quase vinte títulos, muitos deles traduzidos para diversas línguas, entre os quais "Imperium", sobre o colapso da União Soviética, publicado no Brasil pela Companhia das Letras. É um jornalista que se confessa unido em trabalho e em literatura, fala sete idiomas, e acha que "não se pode escrever qualquer livro, escrever um livro agora deve ser um ato de protesto". Dono de um talento todo especial para ouvir as pessoas que encontra e para perceber atmosferas e estabelecer conexões que revelam a essência dos fatos, sua literatura acaba por impregnar o leitor com as cores e as sensações dos lugares por onde ele passou.

Primeiro contato foi em 1957, como jornalista

Pisou pela primeira vez na África em 1957, para cobrir a independência de Gana para a agência noticiosa polonesa, e durante os 40 anos seguintes foi se envolvendo com acontecimentos e pessoas, colecionando notas, impressões, e histórias de mais de 20 países, para finalmente, em 1998, dar por concluído este que é um dos mais instigantes e abrangentes livros já escritos sobre o continente africano. Diz ele que, para escrever "Ébano", leu mais de duzentas obras sobre a África, o que veio a se somar à toda a sua vivência de campo. O resultado é uma oportunidade ímpar para nós brasileiros, que passamos o século XX teimando em ver a África como uma entidade mítica, conhecermos um pouco da realidade desse continente irmão, em toda a sua riqueza cultural e tragédia social.

Praticando uma espécie de etnografia intuitiva baseada principalmente no respeito ao outro (o que não impediu uma ou outra derrapagem generalizante), Kapuscinski nos oferece uma descrição atenta de costumes e mentalidades, refletindo, por exemplo, sobre a noção africana de tempo, a importância do clã na organização social, a cultura de trocas que prevalece até hoje em todo o continente, a força da espiritualidade, e assim por diante. Em prosa simples e direta, transforma sua vivência cotidiana, suas dificuldades e momentos felizes em um painel apaixonante de como é a vida na África. Fala de desertos e de florestas, do céu e do mar, de leões e mosquitos, trens e caminhadas, homens, mulheres, crianças, e até da presença do europeu, ontem e hoje. Testemunha de acontecimentos cruciais do processo de descolonização, e historiador de formação, ele nos faz entender o que houve em Ruanda, entre tutsis e hutus, em função das ações de belgas e franceses, nos explica por que a guerra não acaba no Sudão e como pôde se produzir uma Libéria. Através da descrição da sua estada em Uganda nos desvenda todos os "Idi Amins" do continente, da mesma forma que apresenta a avalanche de governos militares na região, descrevendo o golpe nigeriano de 1966, em crônica de título revelador — "A anatomia de um golpe de Estado".

A manipulação colonial do desejo de independência

A impressão que fica no leitor atento é que Kapuscinski, ao longo de todos esses anos, foi retomando suas notas de campo, repensando tanto as suas impressões como os próprios fatos vividos, de modo a nos apresentar não apenas uma sucessão de acontecimentos, mas a sua percepção do próprio processo de formação da África atual. Para tanto, colocando-se como um europeu representante de um país que afinal sofreu 130 anos de opressão nacional e nunca participou nem do tráfico de escravos nem do saque colonial, Kapuscinski descreve, com muita precisão, como se implantou na África o

colonialismo europeu, e como este manipulou o processo de independência das antigas colônias para que a dependência se eternizasse. "Ébano", com toda certeza, merece os importantes prêmios que ganhou, entre eles o prêmio de melhor livro de 2000, da prestigiosa revista francesa "Lire", o prêmio Tropiques, da Agência Francesa do Desenvolvimento, e prêmio Viareggio, um dos mais destacados da Itália.

MILTON GURAN é antropólogo, professor do Instituto de Humanidades da Universidade Candido Mendes, e autor de "Agudás".